

SOMOS PADRES

Texto do Pe. Tolentino Mendonça no Jubileu Sacerdotal celebrado na Sé do Funchal a 28 de Julho de 2015

Permita-me Senhor D. António que, saudando muito cordialmente os senhores bispos presentes, os reverendos colegas, as distintas autoridades, convidados e todos e cada um dos cristãos que enchem, nesta celebração, a nossa Catedral, dirija a Vossa Excelência Reverendíssima a primeira palavra.

Foi-me pedido que, em nome dos jubilados, expressasse os nossos sentimentos que só podem ser, antes de tudo, de congratulação e reconhecimento à Vossa pessoa, Senhor D. António. Como recorda a *Presbyterorum Ordinis*, a Ordem do presbiterado torna-nos “cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da missão apostólica confiada por Cristo” (P.O. 2). É, portanto, na estreita comunhão consigo e com o múnus eclesial que Vossa Excelência Reverendíssima representa, que o nosso ministério encontra a sua razão e o seu sentido. Em nome de todos, queria dizer-lhe o quanto nos congratulamos pelas suas bodas de ouro sacerdotais, o quanto damos graças a Deus pelo modo como Ele tem frutificado em si e através de si, e o quanto agradecemos a generosidade fraterna de nos reunir a todos numa única celebração, onde a beleza da comunhão eclesial pôde exemplarmente brilhar. Estão aqui, presentes ou evocados, o Senhor D. Maurílio de Gouveia, que celebra os sessenta anos sacerdotais, os colegas religiosos e diocesanos que celebram setenta, cinquenta e vinte e cinco anos de ordenação, tanto os naturais da Madeira, como o conjunto de jubilados que pertence ao grupo de companheiros de curso de V. Ex.cia Reverendíssima.

Vários nomes são usados para descrever a vocação e a missão do padre no interior da comunidade eclesial. Nós que fomos ordenados há 70, 60, 50 ou 25 anos quem é que somos? Somos os presbíteros, nome que vem já referido no Novo Testamento, e que liga a nossa missão ao serviço das comunidades como “o mais velho” (o presbítero) e com especial enfoque na pregação do Evangelho de Deus, nosso “primeiro dever” (P.O. n.4). Mas a teologia católica adoptou também o termo sacerdote, e isso também somos. O que une e associa todos os baptizados é o sacerdócio de Jesus Cristo, o único sacerdote. Pelo sacerdócio ministerial ordenado o sacrifício espiritual dos fiéis consuma-se em união com o sacrifício de Cristo, em nome de toda a Igreja, até que o próprio Senhor venha.

Popularmente na Madeira chamam-se aos padres vigários e curas, termos muito expressivos em relação ao que o ministério ordenado significa. Porque Cristo é o único mediador, o único vigário, o padre é chamado a cultivar na sua vida “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2,3), a centrar-se existencialmente nele, para testemunhar um amor no qual todos podem esperar. E, por isso, ele também é o cura, o cuidador, o agente comprometido da pastoral que se faz serviço às feridas e às esperanças dos homens e das mulheres de cada tempo.

Mas o nome por que somos mais chamados, o nome mais quotidiano, é também, porventura, o mais simples e o mais belo. É o nome “padre”, que quer dizer “pai”. Como acontece com os filhos, quando pensam ou se dirigem ao seu pai não são precisos mais nomes. Pai é uma palavra maior que qualquer nome próprio e que lhe traz uma iluminação funda, plena e inapagável. Basta dizer pai e está tudo dito. O afecto, a relação, o dom, e até aquilo que, tantas vezes, as palavras não conseguem dizer fica dito na palavra pai, ou na palavra padre.

Ordenados há 70, 50 ou 25 anos quem é que somos? Somos o António, o Maurílio, o Ângelo, o Damasceno, o Gil, o Bernardino, o Domingos, o Janela, o Armindo, o Manuel Augusto, o Manuel Vitorino, o Adérito, o Manuel Armando, o Manuel Couto, o Anastácio, o Paulo, o Bonifácio, o João Manuel, o Bernardino, o Zeferino, o Manuel, o Tolentino. Somos esses, mas somos apenas padres, apenas pais na fé que ajudam a crescer e crescem com o povo de Deus, procurando em tudo ser, como recorda a bela expressão de Carta de Paulo, “colaboradores da vossa alegria” (2 Cor 1,24). Rezem por nós. Muito obrigado.

José Tolentino Mendonça
Sé do Funchal, 28/07/2015